



A mídia radical no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): a contra-hegemonia nas manifestações primárias de comunicação¹

Rafael Bellan Rodrigues de Souza²
Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Parintins, AM

Resumo

O MST possui em suas fileiras um importante arsenal comunicativo. Com o aporte da categoria de mídia radical alternativa de John Downing, que expressa a variedade de suportes que a comunicação contra-hegemônica pode se utilizar para expressar uma visão alternativa, analisamos neste artigo as expressões do movimento na chamada mídia primária. A mídia primária é aquela que se desenvolve em um mesmo espaço físico, não exigindo dos participantes nenhum aparato, além do corpo, para consolidar a comunicação. Em se tratando do movimento social de maior relevância nacional, sendo uma referência da luta social nas últimas décadas, pretendemos avaliar o papel da mídia radical primária em algumas ações do MST, tendo como objetivo demonstrar a importância da luta comunicativa contra-hegemônica no século XXI.

Palavras-chave

Mídia radical; MST; contra-hegemonia; comunicação

Categorizando a Mídia

Em suas linhas gerais, John Downing (2002) entende a mídia radical como “a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (p.21). Dessas mídias, valem-se grupos de oposição e movimentos sociais que pretendem transformar a sociedade. O autor trabalha com o conceito de hegemonia de Gramsci, somado à discussão do anarquismo socialista sobre as reivindicações de gênero, raça e identidade. Paulo Freire e Bakhtin aparecem para resolver a questão da participação e do diálogo (tanto no sentido político freiriano, quanto no discursivo bakhtiniano) na mídia alternativa, fornecendo categorias pertinentes aos estudos da comunicação das classes subalternas. Uma longa citação é necessária para dimensionarmos o conceito de mídia radical, que acreditamos definir o fenômeno da comunicação nas fileiras do MST:

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Doutor em Ciências Sociais pela Unesp/Araraquara e Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru, atua como docente do curso de Jornalismo da Ufam em Parintins. Tem experiência na área de comunicação alternativa e popular, atuando principalmente nos temas mídia, ideologia, jornalismo, hegemonia, mobilização popular e movimentos sociais.



Em primeiro lugar, a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em parte, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos. Muitas vezes, tem estreita relação com algum movimento social em andamento e, portanto, expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço ou são ridicularizados na mídia oficial. Com muita frequência também, é ela que toma a dianteira na discussão de questões que só mais tarde receberão atenção da mídia oficial. Em terceiro lugar, a mídia radical alternativa não precisa censurar-se para atender aos interesses dos mandachuvvas da mídia, do entrincheirado poder estatal e das autoridades religiosas. Em quarto, sua própria organização interna é muitas vezes mais democrática que hierárquica (...) (DOWNING, 2002, p.81).

As variadas formas pelas quais a mídia radical se expressa demonstra as inúmeras potencialidades de expressão do homem. Downing (2002) aborda em seu estudo diversas dessas facetas. Beth e Pross (1987) contribuem com o debate sobre os aparatos midiáticos por meio da definição de mídia primária, secundária e terciária. Antes de nos debruçarmos sobre esses conceitos, é digna de nota a relação entre esses tópicos e a problemática que envolve a posse dos meios de comunicação em nossa sociedade. Acreditamos que pensar os meios a partir do corpo, como faz Beth e Pross (1987) faz parte de uma perspectiva ontológica que não pode ignorar as diversas dimensões da produção do homem por ele mesmo.

Esse tópico merece um pouco mais de nossa atenção. Em primeiro lugar devemos ressaltar que pensar o homem dentro de uma perspectiva histórico-social significa compreendê-lo inserido dentro de um complexo de múltiplas determinações que o compõe. Isso significa que o sujeito deve ser visto de forma concreta e não empiricamente, como imediatamente poderíamos concebê-lo. O homem aparece como ruptura em relação à natureza e não como continuidade dela; é ele que adapta a natureza às suas necessidades e não o contrário.

É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como a sua obra e a sua realidade. Em consequência, o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado (MARX, 2001, p. 117).



Dessa forma, o trabalho aparece como categoria mediadora da relação entre o sujeito e o mundo que o cerca, afinal, é por meio dele que o indivíduo se constrói. Na comunicação, vemos que o homem transcende a natureza de seus aparatos fisiológicos ao criar formas de ampliar suas expressões, modificando a forma de comunicação e, por conseguinte, transformando-se frente a esses instrumentos (que no caso das ferramentas da mídia massiva, como veremos, acaba por tornar-se estranha ao conjunto dos trabalhadores, graças à apropriação privada nas mãos de um poder hegemônico).

Para Beth e Pross (1987) as mídias primárias são os meios de contato inicial dos homens, ou seja, é a comunicação sem aparatos externos. Esses são os principais meios de entendimento. A mídia primária aparece quando dois indivíduos que se comunicam ocupam o mesmo espaço físico e seus aparatos fisiológicos são suficientes para se fazerem entender. Para produzir um sentido, nessa mídia, é possível operar de diversas maneiras, desde a expressividade dos gestos, do rosto, passando pela fala e entonações variadas. O corpo pode propiciar uma complexidade de ferramentas para construir simbolicamente inúmeras situações. A mídia primária é a base das mídias e se aproxima do nível interpessoal das relações humanas.

Quando para nos comunicar necessitamos de algum tipo de aparato para emitir nossas mensagens e nossos interlocutores não necessitam de nenhum, estamos utilizando a chamada mídia secundária. O uso do megafone em manifestações, por exemplo, serve para amplificar a voz, fazê-la atingir níveis que sem o objeto não conseguiríamos alcançar. Para os receptores, não é necessário nenhum instrumento externo para compreender as mensagens emitidas pelo aparato megafone. As imagens artificiais e a escrita incluem-se nesse modelo de mídia, assim como as performances que utilizam o vestuário, os rituais com enfeites, o grafite, os murais, etc. O jornal impresso e demais textos também podem ser agrupados nessa mídia.

As transmissões de rádio por ondas e as músicas gravadas em CDs fazem parte da mídia terciária. Beth e Pross entendem como mídia terciária

os meios de tráfego de símbolos que pressupõem aparatos do lado do produtor e do consumidor. O quadro pintado e a fotografia pertencem, de acordo com esta divisão, aos meios secundários. São perceptíveis sem aparatos. O filme necessita de um projetor, a televisão requer, ademais, aparatos receptores que permitam a percepção do filme (...) (1987, p. 170, tradução nossa).



A vantagem de se pensar a mídia tendo como referência os aparatos está na questão da disponibilidade de acesso a essas ferramentas. Sem uma rotativa é impossível fazer jornal, sem um transmissor, não conseguiremos trabalhar com o rádio. Enzensberger (2003), além de discutir a questão da posse das mídias, que para ele são indústrias de consciência que devem ser democratizadas, afirma que mais do que o fato das massas serem alijadas dos modernos meios de comunicação, elas são excluídas dos domínios técnicos necessários para o despertar das potencialidades do uso emancipatório dos meios.

A construção de recursos técnicos para superar as restrições da percepção elementar pode ser interpretada como o motor da sociologia cultural, uma vez que os donos desses recursos podem colonizar o tempo de vida dos outros. A começar pelo tambor da selva e os sinais de fumaça até a radiodifusão e a Internet, os donos dos meios de comunicação conseguem alcançar simultaneamente mais pessoas num espaço maior e em menos tempo do que lhe seria possível de outra maneira em toda a sua vida. O trabalho fisiológico de percepção de muitos acumula-se em forma de lucro de poucos operadores da mídia. Esse processo, com sua repetição periódica, produz efeitos econômicos (reciclagem...) tanto no ritual elementar quanto na programação eletrônica (PROSS, 2005, p.2)

O estranhamento em relação aos aparatos midiáticos (que se aproximam da relação alienada do trabalhador com o produto de seu trabalho) exclui as classes subalternas do uso das mídias. Os instrumentos de comunicação só serão revolucionados de fato quando apropriados pelas classes populares. Eles são avanços da humanidade e, segundo Genro Filho, devem estar a serviço de todos.

Os meios de comunicação podem produzir, em termos quantitativos e qualitativos, um universo cultural e informativo superior àquele elaborado de forma natural, espontânea e artesanal. Não obstante, esse processo precisa ser qualificado de modo conscientemente, como ação das instâncias políticas e técnicas, sob hegemonia da ideologia revolucionária e articulada dialeticamente com os interesses e consciência das massas. Através dos modernos meios de comunicação radicaliza-se a possibilidade das transformações na consciência e na cultura. Portanto, aumenta a possibilidade do sujeito coletivo agir diretamente sobre si mesmo, a partir de suas diferenças internas, contradições e potencialidades daí decorrentes (1987, p.34).

Assim, pensar a mídia radical alternativa de forma estratégica requer o desenvolvimento técnico das massas, além da discussão política que envolve a democratização dos meios massivos de difusão de informação. Dessa forma, a contra-



hegemonia pode de fato consolidar-se, ganhando espaço nas mídias primárias, secundárias e terciárias radicais alternativas e propiciando a práxis comunicacional dos movimentos sociais. As mídias no MST parecem dirigir-se a tal fim.

O movimento possui em suas fileiras exemplos das três mídias, ainda que no caso da mídia terciária ocorra um desenvolvimento recente. Dado os limites deste artigo analisaremos aqui a mídia primária. Veremos que representações midiáticas podem ser verificadas nesse suporte primário, que como demonstraremos aqui, criam um espaço comunicativo contra-hegemônico. O debate em torno da comunicação dentro do MST já possui algumas sistematizações, que norteiam a implementação dos projetos do movimento ligados ao setor de comunicação.

O setor de comunicação do MST

Embora o jornal do MST seja mais antigo do que o próprio movimento, ele surgiu como experiência no Rio Grande do Sul em 1981, as discussões sistematizadas do setor de comunicação ocorrem há aproximadamente cinco anos. Camila Bonassa, coordenadora do setor de comunicação do estado de São Paulo, afirma³ que as experiências de comunicação que ocorreram nesses quase 30 anos de história do movimento não eram desenvolvidas por um núcleo específico da organização. Hoje nem todos os estados possuem coletivos organizados, mas já existem direções representativas desse setor na maioria dos estados em que o MST atua. A maior dificuldade é desenvolver ações mais duradouras, que não sejam somente pontuais. Dentre os principais focos do setor estão a assessoria de imprensa, a página na internet, os veículos impressos (jornal e revista) e as rádios populares, que fazem parte de uma nova frente que começa a se desenvolver recentemente.

Os princípios que regem a atuação do MST na comunicação pautam-se pela tentativa de resgatar a cultura camponesa e o histórico das experiências dos antepassados, que possam servir de lição para a luta do movimento.

O ser social não é produto apenas do momento presente, é a soma das relações e conhecimentos. Sendo assim, temos que resgatar e assimilar a história dos grupos sociais diversos da sociedade: índios, brancos e negros, a história do país e a história de outros povos, para compreender e situar nossa luta no tempo e no espaço (MST, 2006).

³ Em entrevista realizada em 2006.



A comunicação no MST possui o objetivo de conscientizar o trabalhador rural. Ou seja, é tarefa da comunicação melhorar a compreensão dos acampados e assentados sobre a realidade local e mundial. Os meios de comunicação hegemônicos são vistos pelo movimento unilateralmente como esferas ligadas a burguesia, que fornecem ao público conteúdos empobrecidos e manipulados.

Na esfera do entretenimento, explora-se cada vez mais a vulgaridade e o mundo-cão, pois exibir as mazelas do sistema, em situações controladas, é uma estratégia de dominação muito mais eficaz do que tentar escondê-las. A manipulação da ansiedade e a exibição de uma espantosa insegurança geral baixam o nível de expectativas, inclusive das pessoas e grupos sociais mais vulnerabilizados, e criam a disponibilidade subjetiva para suportar os grandes encargos de uma vida sem perspectiva (MST, 2006).

Dessa forma, o combate à cultura dos valores consumistas e mercadológicos defendidos pelos meios de comunicação ligados ao neoliberalismo é essencial. A criação de uma nova cultura, centrada na valorização dos aspectos que compõem a vida humana aparece como modelo a ser aplicado no lugar da cultura mercantil.

As lutas desenvolvidas por outros povos devem ser abordadas, para colocar o militante sem terra em contato com outras experiências de protagonismo social. A comunicação também deve “despertar nos camponeses e espírito de indignação e de solidariedade” (MST, 2006), que o direcione rumo à construção de uma nova sociedade.

Para o setor de comunicação, os veículos informativos possuem o poder de criar identidade e unidade em torno dos programas, planos, ideias e propostas do MST. Além disso, a comunicação deve estar a serviço do desenvolvimento de um projeto popular para o Brasil.

Uma das maiores dificuldades do setor, enumerada pela secretaria de comunicação, é o envolvimento dos trabalhadores nos processos de produção. Faltam pessoas para assumir as atividades e a discussão da importância e de que qualquer um pode fazer comunicação popular, desde que tenha responsabilidade. A capacitação técnica não é o grande problema, mas a discussão política do papel dos meios de comunicação para a organização do movimento e o combate à apatia política.



A Mídia Primária no MST

A mídia primária é aquela que se desenvolve em um mesmo espaço físico, não exigindo dos participantes nenhum aparato, além do corpo, para consolidar a comunicação. Do imenso universo de possibilidades primárias de comunicação disponíveis, selecionamos algumas situações que consideramos possuir um peso maior na construção simbólica do conjunto de posicionamentos defendidos no MST.

Do ponto de vista simbólico, e pela importância na reafirmação dos princípios do movimento, o momento de cantar o hino do MST é uma situação de destaque. Os valores defendidos na canção resgatam a mística das lutas sociais e sua entoação é realizada com disciplina. Cantado em momentos chave da luta que o MST desenvolve, o hino é entoado em místicas, vigílias, encontros, ocupações, oficinas e na presença de visitantes que não fazem parte dos quadros da organização, mas apoiam as ações do movimento. O hino é considerado um símbolo, como a bandeira, e sua composição é resultado de um concurso realizado entre os diversos estados em que o movimento possui quadros. No Encontro Nacional de 1989, em Nova Veneza (SP) foi escolhida a música vencedora, trazida pelo MST da Bahia e composta por Ademar Bogo. A música em forma de marcha foi elaborada por Willy de Oliveira, da Orquestra da USP.

Na ausência de recursos, algo muito comum nos acampamentos, o hino é apenas cantado, não recebendo nenhum acompanhamento musical. É nessa situação que acompanhamos seu uso. Possuindo o papel de uma espécie de ritual em que se celebra a organização, há um padrão corporal uniforme para acompanhar sua execução. Todos em pé, olhar a frente, postura corporal ereta, eles cantam a letra. Na hora do refrão, o braço esquerdo se levanta e o punho na altura da cabeça golpeia o ar no ritmo da letra cantada. Os movimentos corporais são uma regra que deve ser respeitada, há uma disciplina quanto a postura exigida nesse rito. Mesmo a letra possuindo um conteúdo progressista, a uniformização dos atos lembra os tradicionais hinos nacionais, mantendo a postura quase militar que eles exigem. Esse é um exemplo de como os veículos do MST estão ao mesmo tempo dentro e fora da hegemonia, mantendo a estrutura tradicional dos hinos, o movimento insere nele os valores contra-hegemônicos que defende. A letra⁴,

⁴ “Vem teçamos a nossa liberdade/ braços fortes que rasgam o chão/ sob a sombra de nossa valentia/ desfraldemos a nossa rebeldia/ e plantemos nesta terra como irmãos! Vem, lutemos punho erguido/ Nossa Força nos leva a edificar/ Nossa Pátria livre e forte/ Construída pelo poder popular (refrão)/ Braços Erguidos ditemos nossa história/ sufocando com força os opressores/ hasteemos a bandeira colorida/ despertemos esta pátria adormecida/o amanhã pertence a nós trabalhadores!/Vem, lutemos punho erguido /Nossa Força nos leva a edificar/Nossa Pátria livre e forte/ Construída



em alguns centros de formação, como o de Iaras/SP, fica estampada na parede (nesse caso, faz parte da mídia secundária), para que todos possam acompanhá-la. Por imitação e repetição, as famílias acabam assimilando as normas de desempenho corporal exigido no rito.

O hino é um libelo à luta popular. “Vem, teçamos a nossa liberdade/ braços fortes que rasgam o chão/ sob a sombra de nossa valentia, desfraldamos a nossa rebeldia/ e plantemos nessa terra como irmãos!”. O convite à luta é feito, a liberdade dos trabalhadores será resultado de suas ações, que construirão com seus braços fortes, conquistados com o árduo trabalho no campo, uma terra onde possamos plantar como irmãos. O elemento cristão é muito forte no movimento e a carga simbólica dessa presença, que se atrela a gênese do próprio MST, pode ser sentida em diversas esferas do movimento. A rebeldia, antes adormecida, dos trabalhadores resulta em uma terra quase sagrada, onde os “irmãos” poderão, enfim, unir-se.

“Vem, lutemos punho erguido/ nossa força nos leva a edificar/ nossa pátria livre e forte/ construída pelo poder popular”. O refrão chama os trabalhadores a levantar seus punhos, algo que todos fazem no momento da execução do hino. Golpeando o ar com força, os militantes demonstram a potencialidade de suas ações. Só o poder popular criará as bases de uma nova sociedade.

“Braço erguido, ditemos nossa história/ sufocando com força os opressores/ hasteemos a bandeira colorida/ despertemos esta pátria adormecida/ o amanhã pertence a nós trabalhadores!”. por meio da luta (braço erguido) e da subversão que a verdadeira pátria poderá acordar. Os trabalhadores poderão ditar sua própria história, que antes era contada pelos opressores. A luta de classes também é representada na letra, cabe aos militantes do MST sufocar com convicção os adversários, tirando-lhes o oxigênio - combustível da hegemonia dos grupos dominantes. Ao abafar a vitalidade dos seus desafetos, o MST poderá levantar sua bandeira colorida, que remete ao vermelho clássico das esquerdas e ao colorido de todas as raças.

“Nossa força resgatada pela chama/ da esperança no triunfo que virá/ forjaremos desta luta com certeza/ pátria livre operária camponesa/ nossa estrela enfim triunfará!”. Ao crer na utopia de uma nova sociedade e planejar os passos para alcançá-la, os trabalhadores irão fabricar a sociedade da aliança operário/camponês, representada pelo



clássico símbolo do socialismo, ou seja, a foice e o martelo cruzados. Finalmente a estrela, outro símbolo da esquerda clássica, irá despontar.

Na letra do hino podemos verificar elementos das duas grandes matrizes que compõem o MST, o cristianismo e o marxismo, resultado do trabalho da CPT e das Comunidades Eclesiais de Base na aglutinação dos trabalhadores que fundaram a organização. Os princípios da teologia da libertação ainda são muito presentes, embora o MST tenha decidido afastar-se organicamente das pastorais sociais.

A letra do hino e sua execução nos remetem ao papel das canções nos movimentos operários. Lidtke citado por Downing (2002), ao tratar do movimento operário alemão de 1870 à 1914, considerava-o um “movimento cantante” e sugere que

(...) na canção, e especialmente ao cantar em grupo, o indivíduo ao mesmo tempo desfrutava a companhia de outras pessoas, expressava tendências ideológicas (muitas vezes vagas, com certeza) e encontrava gratificação por participar de *performances* artísticas simples. As canções propiciam que as idéias sejam repetidas indefinidamente; por essa razão, a consciência pode ser mais influenciada por versos de canções do que por discursos ouvidos de uma só vez. (...) Palavras e frases que parecem triviais quando julgadas pelos critérios da nobre teoria, podem no entanto assumir um significado considerável quando entendidas como parte de uma matriz informal de sentimentos e aspirações (LIDTKE apud DOWNING, 2002, p. 170).

O caráter ritualístico do hino e a fácil performance de sua execução podem ilustrar a tentativa do movimento em criar uma identidade do ser sem terra. A padronização e a exaltação da luta social são fatores utilizados com a finalidade de manter a unidade em torno dos princípios do MST.

As palavras de ordem possuem um efeito semelhante ao hino, visam alegrar a militância e exaltar a emoção em participar da organização. Em marchas e manifestações elas também servem como alerta, para dirigir a atenção dos militantes para uma determinada orientação. As mais usadas são: “Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio”, “MST: A luta é pra valer!” e “Pátria livre: Venceremos!”. Quase como gritos de guerra em gincanas, essas frases são usadas para, de uma forma sintetizada, expressar os motivos que guiam o MST em suas ações. Grande parte delas é criada em setores específicos do movimento, mas as frases criadas pelos militantes em geral evidenciam a coerência dos motivos trabalhados. Em uma Oficina de Rádio realizada na Escola de Agroecologia Laudenor de Souza em março de 2006, muitas dessas palavras



de ordem puderam ser verificadas. Todas elas abarcam o tema da comunicação nos movimentos populares.

“Lutar, comunicar, para a sociedade poder transformar”, defende o papel da comunicação na construção de uma nova sociedade. “Para a comunicação avançar, as sementes temos de cultivar”, apresenta a mística da semente e da terra, resgatando o tempo da colheita e a importância do planejamento para poder colher os frutos. “Paulo Freire em ação, unindo forças na comunicação. Educar, comunicar, para a luta avançar” relembra o famoso educador que criou uma das metodologias educativas aplicadas pelo MST. “Patativa do Assaré, poeta popular, organizando o povo para a cultura transformar”, realça a importância da cultura popular e o papel do povo na construção de novos valores. “Irmã Dorothy na organização, formando militantes para a comunicação”, utiliza a figura da missionária Dorothy Stang, assassinada em fevereiro de 2005. O histórico de Stang ilumina as práticas sociais e forma os militantes. “Che vive, por uma comunicação livre”, traz a emblemática figura do guerrilheiro da revolução cubana, figura mística que aparece em diversas mídias do movimento.

O resgate da memória das lutas sociais e o cultivo aos chamados “lutadores do povo” é presente em diversas mídias do movimento, sendo utilizados em cartazes, canções e místicas. Os acampamentos e assentamentos da organização recebem nomes de figuras representativas da esquerda e dos militantes do MST que perderam a vida na luta pela Reforma Agrária. Nomes como Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Antonio Conselheiro, Padre Josimo Tavares, Paulo Freire, Oziel Alves, Florestam Fernandes nomeiam escolas, centros de formação e conjuntos habitacionais. Enquanto nas cidades convivemos com ruas e avenidas com nomes de presidentes, marechais e generais, no MST vemos homenagens àqueles que dedicaram sua vida pela causa popular. A disputa política no campo dos valores e da memória lembra as afirmações de Benjamim (1994) de que é tarefa dos movimentos de transformação salvar os antepassados escravizados, ao invés de imaginar o futuro livre dos descendentes. “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer” (p. 3).

Esse resgate da memória e construção simbólica do espectro da esquerda é uma estratégia que visa reforçar os valores do protagonismo político e da mobilização popular para conquistar a terra almejada, em primeira instância, e a nova sociedade, no futuro.



Ao entrar em contato com o MST, os trabalhadores rurais são bombardeados por um conjunto simbólico extremamente coordenado. Desde o setor de educação, passando pelo de formação e de comunicação, até nas discussões nos núcleos dos acampamentos e assentamentos, existe um conjunto de representações que definem o imaginário do movimento. Não é de se estranhar que as produções culturais dos militantes, como as palavras de ordem citadas, aproximem-se desse espectro ordenado de significados. Pross (1980) chama de material familiar a confiança e estabilidade sobre signos facilmente reconhecíveis. Esse conjunto de representações é aceito como provado e livre de questionamento. Contudo, Pross nos alerta sobre o risco dessa confiança estabilizar o sujeito. Ao não ter que se deparar com novos signos, é possível que o sujeito também não se renove, ficando suscetível a repetibilidade de valores estáticos. Por não questionar os signos usuais, não colocá-los em prova, há o risco de se perder a própria confiança sobre esse material familiar, fragilizando os próprios significados pretendidos.

Na Oficina de Rádio citada, um militante recitou o poema “Operário em construção” de autoria de Vinícius de Moraes. A poesia trata da descoberta da realidade de opressão por um operário. O militante sem terra, em pé, caminhando pela sala, com uma expressão serena, inicia a poesia. “Era ele que erguia casas/ onde antes só havia chão”. Com o desenvolvimento do poema, o militante, um homem na faixa dos quarenta anos, começa a representar sua indignação, aumentando o tom da voz e, com os punhos fechados golpeia o ar na altura da cabeça. Quase como uma espécie de profeta, ele conta a boa nova aos companheiros: “Naquela casa vazia/ Que ele mesmo levantara/Um mundo novo nascia/ De que sequer suspeitava”. Com a letra decorada e encenando a indignação o militante ressalta: “E o operário disse: Não!/ E o operário fez-se forte/ na sua resolução”. No confronto com o patrão, passagem ilustrada por Lucas, cap. V, vs. 5-8, o operário nega as oferendas de seu opressor, afinal, tudo o que ele lhe oferecia, já lhe pertencia. No final, o operário em construção é construído, e reaviva a esperança dos que se foram. “E o operário ouviu a voz/ de todos os seus irmãos/ Os seus irmãos que morreram/ por outros que viverão/ Uma esperança sincera / Cresceu no seu coração/ E dentro da tarde mansa/ Agigantou-se a razão/ De um homem pobre e esquecido/ Razão, porém que fizera/ Em operário construído/ O operário em construção”. Todos os presentes na sala aplaudem efusivamente, a mensagem, símbolo e representação da luta das esquerdas e uma metáfora elucidativa da caracterização do proletário pela esquerda marxista, alcança sua finalidade de formação política.



Essa apresentação ilustra a capacidade expressiva da mídia primária, característica que todos possuímos. Baitello ressalta a importância da mídia primária:

Pross segue descrevendo as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária, lembrando a expressividade dos olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça e movimentos dos ombros, andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais (naturalmente inclui-se aí a linguagem verbal falada) (BAITELLO, 2001).

A voz do camponês, sua performance e sua postura corporal complementam a mensagem que ele transmitiu de forma oral. A poesia pareceu feita por ele, algo que muitos dos presentes imaginaram, já que o trabalhador rural, talvez por descuido, não mencionou a autoria do texto recitado.

Nos eventos do MST, em suas oficinas, encontros e assembleias são trabalhados temas políticos que visam estimular as ações coletivas, além de ser um espaço de formação intensiva. Amanda Matheus, do setor de formação e que integra a coordenação estadual do movimento, em uma das apresentações da Oficina de Rádio, abordou o tema da organicidade e estratégia. De forma didática e com bastante diálogo com os trabalhadores, a militante buscou debater a questão da estrutura de funcionamento e sua importância para a territorialização do movimento. A visão da organização como uma ferramenta que busca a construção do poder popular foi ressaltado inúmeras vezes. A mobilização popular é vista como o elemento propulsor das transformações na sociedade e a organização do MST deve estar a serviço dela. A estrutura de funcionamento, embora hierárquica, deve permitir, em tese, a participação de todos. Os núcleos presentes nos acampamentos e assentamentos devem ser a base das decisões e a organização não pode perdê-los de vista. A estratégia principal do movimento, divulgada por Amanda, é fortalecer e conscientizar sua base social da necessidade da construção de um projeto popular para o Brasil. Dessa forma, a importância da organização está em fomentar quadros para ampliar as esferas do próprio MST. Os dirigentes e os coordenadores possuem a obrigação de seguir as diretrizes apontadas nos núcleos e o distanciamento entre lideranças e bases deve ser combatido por todos.

Em assembleias a formação política se intensifica, ela é o espaço de compartilhamento de informações e experiências e também de decisões. José Rainha



Júnior, quando ainda era um coordenador ativo do MST, costumava em suas falas comparar a jornada do MST ao Êxodo do povo hebreu pelo deserto rumo à terra prometida. As penúrias e os constantes obstáculos trazidos pelas ações dos sem terra seriam recompensadas pela conquista da terra. A ligação entre a religiosidade e a luta social é um resquício da gênese do MST, que se aproxima de certa forma a teologia da libertação, corrente da Igreja Católica que buscava uma síntese entre marxismo e cristianismo.

Esse contato ainda permanece muito forte no MST. Anualmente é realizada a Romaria da Terra, que surgiu em 1979 no Rio Grande do Sul e hoje é realizada em praticamente todos os estados. O sentido da romaria, organizada pelas pastorais sociais, visa celebrar a luta pela justiça no campo e por uma sociedade mais igualitária. O elemento místico no movimento é um resquício da presença da Igreja na sua formação.

Em uma reintegração de posse realizada em Itapuí (SP), na fazenda Olho D'Água em 2002, 40 famílias camponesas decidiram seu destino. A escolha foi pautada pela esperança na conquista da terra, no sonho da estabilidade e da casa própria. A mística da terra como provedora aparecerá em diversas esferas da comunicação no MST, sempre buscando motivar a militância na conquista desse bem.

Outro espaço de socialização política são os grupos de discussão em eventos como a “Assembleia Popular: mutirão por um novo Brasil”, que ocorreu em Brasília em outubro de 2005. A finalidade da assembleia foi incentivar os movimentos sociais e as forças organizadas da sociedade civil a realizar uma reflexão crítica sobre a prática do poder político, corroído pela corrupção, e definir as ações necessárias para a construção de um projeto popular para o Brasil. Dentre os principais objetivos da Assembléia podem ser enumerados a articulação das forças sociais, a formação de militantes e a defesa da reforma agrária, que demonstra a importância da luta no campo para a democratização do país. Um grupo de discussão específico da comunicação foi criado. Nele, militantes do MST/SP defenderam uma ampla movimentação na sociedade para combater a repressão às rádios comunitárias. Discutindo a questão do poder dos meios de comunicação, o grupo avaliou propostas e direcionou-se a criar espaços de comunicação alternativa, buscando elementos como a capacitação técnica e a leitura crítica dos meios de comunicação.

Na Assembléia Popular, as discussões políticas de âmbito mais geral foram realizadas em grupos divididos por biomas. Seguindo uma nova proposta de divisão do Brasil em regiões nucleadas por similaridades entre a natureza e o homem, os grupos



tinham a tarefa de discutir as propostas trazidas pela assembleia. Ponto por ponto foi debatido e na linha do documento proposto foi pensada formas de resolver os dilemas contemporâneos. Os trabalhadores do MST centraram fogo na educação como possível solução às mazelas sociais. As falas evidenciam que apenas por meio da conscientização dos trabalhadores as lutas poderão ser desenvolvidas. A Reforma Agrária aparece como resposta aos problemas políticos e ambientais, quando ela for realizada, as outras reivindicações serão alcançadas facilmente. A participação das mulheres é muito forte nos grupos de discussão, mas a questão de gênero não foi abordada no grupo do Bioma Mata Atlântica. Nas mídias do movimento, a mulher é retratada como um sujeito político ativo, contudo, a questão da opressão nas microesferas, como a doméstica não é aprofundada. Ao deixar essa discussão como acessória a luta de classes, o movimento perde uma boa oportunidade de conscientizar os trabalhadores da importância da emancipação feminina e da divisão das tarefas no lar.

Considerações finais

O conjunto das representações manifestadas nas mídias do MST, em especial na primária, compõe um cenário de comunicação alternativo às visões e valores hegemônicos por defender posturas e ideias que buscam uma emancipação real dos trabalhadores rurais, enquanto a hegemonia legitima o sistema produtivo capitalista. Essa libertação passa necessariamente pela transformação do Brasil. Para o MST, não basta apenas a divisão de terras em lotes, é todo o sistema produtivo que deve ser refundado, tendo por base a participação dos camponeses e operários.

Ao realizar a disputa no campo dos valores e ideias, buscando a adesão e a conquista de corações e mentes para a causa da transformação social, o movimento atua na comunicação de forma contra-hegemonica. Nas mídias do MST, que, concordando com Pross e Downing, conceitualizamos de forma ampla, os significados políticos se manifestam e, de acordo com Williams (1979), eles passam a constituir materialmente a realidade, sendo um fator determinante na criação das visões de mundo do militante sem terra e dos simpatizantes que entram em contato com as mídias da organização. Essas representações colaboram com a criação de valores que atuam como uma direção moral e intelectual a ser seguida pela ação política. O cenário criado pauta os temas das



reflexões e cria a constelação simbólica que envolve as pessoas que participam da organização.

Referências Bibliográficas

BAITELLO, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO NETO, Antonio et al. (org.). **Interação e sentido no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETH, Hanno e PROSS, Harry. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1987.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto alegre: Tchê, 1987.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

MST. **Quem somos**. Disponível em www.mst.org.br. 24/06/2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.